

## BARROCO MINEIRO VISTO DE PRAGA

Prof. Dilen Fluffer

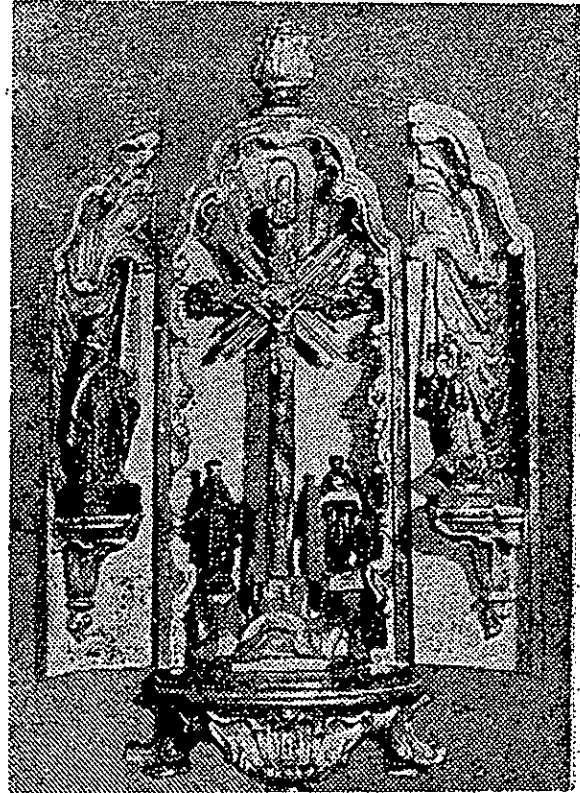
Estas considerações estão sendo escritas em ambiente barroco, na sala de estar do «Pouso Chico Reis em Ouro Preto. A decoração do escrever repousa sobre mesa barroca, estátuas e candelabros barrocos cercam a mesa, e das janelas telhadas barrocos e torres barrocas aparecem contrastando com colinas de linhas puras e simples. Soria pois o ambiente ideal para uma tentativa de reduzir fenomenologicamente a vivência e desvendar a essência do barroco. No entanto a mente de quem escreve isto é, mente informada por um barroco diferente: o de Praga. Seria para ela tarefa penosa a de querer libertar-se dos seus preconceitos. Não fará a tentativa. Não procurará ingenuidade ante o fenómeno Ouro Preto. Permitirá, pelo contrário, que os dois barrocos, (o externo mineiro e o interno praguense) se choquem. O choque será o tema deste ensaio. E esse choque é vivenciado como sensação de mal-estar intelectual que se intensifica com toda nova igreja visitada. Algo está desafinado aqui em Ouro Preto, algo está profundamente errado. E essa dissonância fundamental resulta, absurdamente, em beleza. Que é isto?

A Reforma e a Contra-Reforma dilaceraram, durante trinta anos sangrentos, o corpo da Europa. A tentativa gigantesca de enquadrar a fé medieval dentro da cosmovisão moderna resultou em Yracassô e desespero. Fanatismo e superstição substituíam a fé, e racionalismo e intelectualismo extremado substituíam a busca aventureira renascentista. O caminho da salvação estava barrado pelos argumentos de uma razão formalista e geometrizada, e o caminho que demanda a natureza estava barrado pela mentalidade mística e mistificadora que transformava astronomia e em astrologia e física em feitiço. Nesse ambiente torturado e tortuoso triunfava o estilo de vida e do pensamento que chamamos barroco. E' ele a articulação de uma recusa do homem ocidental em aceitar o dado fundamental da Idade Moderna: o interesse pelo mundo imanente, o humanismo, o salto a fé no transcendente e tilra à vida o seu derradeiro significado. O barroco é um fazer de conta que isto não é verdade. Que a fé pode ser forçada intelectualmente. Que a graça pode ser alcançada pela geometria. Que a ciência é um método pelo qual a verdade é revelada discursivamente. Que o rigor da razão conduziria ao conhecimento absoluto, e que este coincidiria com a felicidade religiosa. Em suma: o barroco é a ficção do intelecto fantasiado em si. E' neste reside a sua atração, bela e perigosa: a ilusão imortal da fé medieval evaporou-se irremediavelmente, mas o intelecto assume a máscara da alma e representa o seu papel no palco do Ocidente. O barroco é o teatro intelectual que representa a fé no transcendente. Pois tudo faz parte desta tes-

carregados de enfeites que se cancelam mutuamente. As igrejas de Ouro Preto procuram extrair o intelecto para evitar o confronto com uma verdadeira religiosidade e parecem ser portanto, «prima facie», tipicamente barrocas.

Mas uma segunda e terceira contemplação desmente a primeira impressão e causa aquela sensação de mal-estar da qual falei no início deste ensaio. Estas estátuas não são obras de mentes desencantadas. Não são resultado do intelectualismo cansado em procura da ilusão de ingenuidade. São algo inteiramente diferente, algo grotescamente diferente. Com efeito, são algo tão grotesco que não poderíamos crê-lo, não estivessem essas igrejas aqui para prová-lo. Definirei o que são as igrejas do barroco mineiro da seguinte maneira: são obras de mentalidades ingênuas que copiam obras de mentalidades decadentes que, por sua vez, procuram a ilusão de ingenuidade. As igrejas mineiras são monumentos que festejam uma ingenuidade autêntica com uma técnica inautêntica que lhes é estranha. São aparentemente pecuniosas, mas fundamentalmente puras. Os pecados do espírito que fizeram do barroco o estilo diabólico que é, não podem ser nem imaginados, e muito menos praticados, pelos artistas mineiros. O que estas artistas fazem é copiar, ingenuamente, os truques diabólicos do barroco europeu, sem talvez desconfiar da sua infernalidade. O resultado é este: igrejas aparentemente pecaminosas e corruptas, mas na realidade piás e castas. E isto deixa o intelecto profundamente perturbado. Porque prova a limitação do intelecto. O barroco mineiro prova que o intelecto é apenas leve verniz, mesmo quando mascarado em alma, e que a verdadeira alma pode reduzi-lo ao ridículo e ao absurdo. O barroco mineiro prova o ridículo e o absurdo do barroco europeu.

Os artistas mineiros, e mais especialmente o Aleijadinho, são amadores do virtuosismo. Provam, pelas suas imperfeições de amadores, o vazio e o pomposo do virtuosismo. Amadores tendem para o exagero. Mas o barroco, quando exagerado mesmo imperceptivelmente, torna-se caricatura. Com efeito, o barroco é, todo ele, uma «tour de forces» de gestos que evitam o ridículo graças ao seu extremo virtuosismo e perfeccionismo. Pois em Ouro Preto não há virtuosismo extremo. Os gestos barrocos são aqui exagerados grotescamente. Anjo empurra anjo num trânsito angelical em redor dos altares que lembra o «rush» paulistano. A procura de santidade é tal que assistimos, praticamente em todo altar, a uma inflação de santos. Os gestos de cada santo individual são inteiramente teatrais, mas dada a explosão demográfica de santos esses gestos se transformam em diálogos entre surdos, (ou melhor: entre cegos). A pedra sabão é material



ORATÓRIO DE VIAGEM — Madeira entalhada e policromada — Proveniente de Paracatu, Minas — Século XVIII.

## O crucifixo no quarto noturno

Não Aparecida Pinto

(Forjei o ferro para transpassá-Lo?  
Urdiram minhas mãos esse Espinheiro?  
Trancei as cordas? Repeti o estalo?  
Insinuei às traves o Letreiro?)

— Então, Senhor, se enbôlto no Teu hale  
o dia brota azul do candieiro,  
devo supor a objeção do galo  
que mais conhece o que feriu primeiro?  
— Senhor, não mais alongues minha noite.  
Nunca sabes da paz, tardio embalo?  
Despede o centurião com seu cavalo.  
Expulsa o fariseu com seu açoite.  
Ó Deus insone sobre tantos cravos,  
já não Te basta a esponja dos agravos?

### ESPAÇO E AVIAÇÃO

## Vôo parado têm paisagem móvel

Os técnicos da General Precision Systems Limited, da Inglaterra, estão planejando, como novo método de estudo das características do «Concorde» — avião supersônico anglo-francês — um vôo simulado, durante o qual o piloto, no interior do aparelho desligado, observa a paisagem, exatamente como se deu durante o vôo.

to. E tudo é gesto calculado e premeditado. Não há estilo me-  
 zos espontâneo e mais cerimo-  
 nioso que o barroco. Sente-se  
 ao passar-se pelas ruas de uma  
 cidade barroca neste sentido do  
 termo, (pelas ruas de Praga),  
 que tudo é pretensão, é ficção,  
 é cenário, embora cenário gran-  
 diosamente belo. Os tetos são,  
 com efeito, os edifícios mais ca-  
 racterísticos, mas o caráter tea-  
 tral resalta ainda mais nos pa-  
 lácios e nas igrejas. As colunas  
 poderosas de mármore que se  
 retorcem debaixo de uma peso  
 apostamente excessivo na a  
 carregam. Os atlantes de mus-  
 culos salientes que se curvam  
 em esforços atléticos suportam  
 globos ócos. Os anjinhos que de-  
 saíam a gravidade nos seus vóos  
 no redor dos altares encossem  
 nas asas os fios que os seguram.  
 Os santos nos nichos das igre-  
 jas são obviamente atores que  
 representam magistramente o  
 papel de santos. E nessas está-  
 tuas não sorvem a santidade,  
 mas admiramos a habilidade do  
 ator, do produtor e do encena-  
 dor da santidade. Admiramos a  
 perfeição com a qual a intelecção  
 imita a alma. Admiramos a ca-  
 pacidade do intelecto, (do nosso  
 próprio intelecto em última ana-  
 lise), de substituir a ingenua fé  
 do gótico perdido. E sentimos  
 intimamente, com um frisson  
 secreto, que tudo isto é pecami-  
 noso. Há um doce aroma de cor-  
 rução e decadência em todo o  
 barroco. As linhas tortas e in-  
 volutas, a complexidade apren-  
 temente confusa mas estrutural-  
 mente clara e geométrica são  
 prova desse frisson não confes-  
 sado. A linha simples e reta, a  
 que demanda góticamente o céu,  
 já não é mais viável. O intelecto  
 se torce barroicamente em gesto  
 estérilmente fechado. O barro-  
 co é o estilo de uma cultura  
 tardia. É o estilo de uma socie-  
 dade que procura na ilusão a  
 realidade perdida, e o faz deli-  
 beradamente. Esta é a beleza do  
 barroco. É a beleza do pecado.  
 E o barroco mineiro? Um pas-  
 selo pelas ruas de Ouro Preto  
 certamente não transmitirá a  
 sensação de decadência e de cul-  
 tura tardia. São ruas bucólicas  
 e ingenuas, e as fachadas das  
 casas são de um primitivismo  
 encantador, muito embora a ar-  
 tificialidade dessa ingenuidade e  
 desse primitivismo possa ser vi-  
 senciada. Ouro Preto é conser-  
 vado artificialmente, como o são  
 os leões e as girafas da África,  
 e os índios nos Estados Unidos.  
 Essa artificialidade é o tributo  
 que devemos pagar, nós do sé-  
 culo 20, pelo chamado progresso.  
 Mas essa artificialidade é nossa,  
 é do século 20, e não do barro-  
 co mineiro. As ruas de Ouro  
 Preto eram bucólicas, ingenuas e  
 primitivas no seu tempo. Não  
 eram barrocas no significado do  
 termo empregado neste ensaio.  
 As igrejas do Ouro Preto, no en-  
 tanto, são diferentes. Superfi-  
 cialmente, «prima facie», são co-  
 mo as igrejas barrocas de Praga.  
 Aparentemente ostentam as suas  
 fachadas as mesmas linhas tortas  
 e involutas, com apenas varia-  
 ções que podem ser atribuídas às  
 diferenças regionais e de clima.  
 As suas estátuas são, aparente-  
 mente, irmãs dos atlantes, dos  
 santos e dos anjinhos de Praga,  
 embora irmãs mais modestas. Os  
 mantos dos santos caem em do-  
 bras pelo menos igualmente com-  
 plexas, as suas mãos se curvam  
 em gestos pelo menos igualmente  
 dramáticos, e os altares são  
 provavelmente ainda mais sobre-

peis qualidades esculturais das es-  
 tátuas e estas superam portanto  
 as suas semelhantes européias  
 em efeitos ilusionistas. A ma-  
 deira empregada nos altares é  
 recoberta de ouro com uma or-  
 tentação de nouveauriche que  
 deixa para trás toda a pompa  
 do ceremonial habsburgiano. O  
 efeito dessas igrejas, caricaturas  
 do barroco que são, deveria por-  
 tanto ser extremamente cômico  
 e provocar gargalhadas. Mas não  
 é o que acontece. Pelo contrá-  
 rio, essas igrejas, embora causem  
 mal-estar intelectual, comovem.  
 E nesse espírito a nossa simpatia  
 misturada com má consciência  
 reside a beleza do barroco mi-  
 neiro.

Imaginemos que encontramos  
 em plena rua um rei, com mán-  
 to, coroa, cetro e espada. Sabe-  
 mos que não pode ser rei, por-  
 que reis não andam pela rua.  
 Mas este rei que encontramos  
 anda com uma majestade tão  
 grandiosa, e seus gestos são tão  
 dignos e belos, que não podemos  
 senão render-lhe as nossas ho-  
 menagens. Será o nosso encon-  
 tro com o barroco praguense.  
 Imaginemos agora que esse rei  
 que encontramos tem três coróas,  
 uma posta sobre a outra, e  
 todas elas um pouco tortas.  
 Imaginemos que tem um cetro  
 de três metros de altura, e que  
 o seu manto está rasgado. E  
 imaginemos que a rua pela qual  
 passa é uma rua do interior  
 mineiro. Já estamos prontos a  
 explodir em gargalhada. Mas,  
 repentinamente, descobrimos que  
 se trata de um rei de verdade.  
 Um rei fantasiado em rei, mas  
 um rei verdadeira a despeito  
 disto. Teremos encontrado o  
 barroco mineiro.

A majestade da autenticidade  
 resplandece nas obras mineiras  
 justamente pelo seu exágro. Vir-  
 tuosismo exagerado grotesca-  
 mente é ingenuidade. Vinte sete  
 santos competindo são sintoma  
 de fé na santidade. Há um ele-  
 mento africano nessa opulência  
 de formas e afirmações religio-  
 sas. Talvez não são tanto tem-  
 plos cristãos quanto pagãos essas  
 igrejas. Talvez seja a piedade  
 tropical, telúrica e fetichista.  
 Talvez se já a majestade das  
 obras a de Chico Rei, o cacique  
 destronado, que reconstrói seu  
 reino africano em Ouro Preto, e  
 não a de um rei cristão do  
 Ocidente. E nisto creio encon-  
 traremos a chave do mistério do  
 barroco mineiro.

O fim do barroco ocidental  
 coincide com a descoberta de  
 ouro nas Minas Gerais brasilei-  
 ras. Coincide, portanto, com a  
 concentração de portugueses e  
 negros em terras neutras ameri-  
 canas. Os portugueses são os  
 portadores do pensamento barro-  
 co exausto, pronto a diluir-se no  
 iluminismo rococó e a superar-  
 se no criticismo. Os negros são  
 os depositários da vivência lme-  
 morial e concreta da sacralida-  
 de da natureza. Há uma seme-  
 lhança superficial nessas duas  
 formas tão radicalmente dife-  
 rentes de pensamento e vida. A  
 semelhança é esta: O barroco  
 ocidental, em sua pose teatral,  
 finge uma vitalidade luxuriante  
 que lembra o fetichismo. A seme-  
 lhança é fortuita e sem signifi-  
 cado real no contexto europeu.  
 Mas em terras do Brasil essa  
 semelhança se torna pretexto  
 para uma realização artística au-  
 tência, uma realização digamos  
 mulata. Tendo por pano de fun-  
 do as terras virgens cuja goela  
 vomita o ouro, o ouro que im-  
 pulsiona a atividade das duas

especial filmará a faixa de paisagem vista do ângulo visual  
 do piloto. Esta será, posteriormente, projetada em tela colo-  
 cada à frente do aparelho dentro do qual o piloto poderá,  
 sem as preocupações normais do comando, observar, em cores  
 e iluminada de luz fluorescente, as manobras, as rotas de  
 aproximação a grande altitude.

**GALERIA ESPACIAL**

«No ano 2000 o homem es-  
 tará presente na Lua, em  
 Marte e em Vênus, e o ar-  
 tista já sente e exprime es-  
 tas novas conquistas huma-  
 nas.» A frase é do diretor da  
 mais nova galeria de arte de  
 São Paulo, a Galeria 4 Fla-  
 netas, que, assim, justifica o  
 estranho título. A nova gale-  
 ria está expondo aquarelas  
 inéditas de Sanson Flexor.

**MINUTEMAN III**

Está oficialmente adotado o  
 nome de Minuteman-III, pa-  
 ra os futuros Minuteman,  
 atualmente em fase de aper-  
 feiçoamento. O acréscimo é

raças exóticas, surge aqui em  
 Ouro Preto um estilo de vida  
 que toma a forma barroca por  
 capa protetora de uma reformu-  
 lação da crença africana. O barro-  
 co mineiro é a desculpa pela  
 adaptação da religiosidade ari-  
 cana à escravidão portuguesa. O  
 barroco engana os censores se-  
 culares e clericais, e permite um  
 desenvolvimento da mentalidade  
 negra. E simultaneamente torna  
 o barroco assimilável essa men-  
 talidade à cultura branca. As  
 igrejas barrocas de Ouro Preto  
 são obras de assimilação de duas  
 raças sob pretexto barroco. O  
 barroco é pretexto, é a assimila-  
 ção é autêntica e produtiva.  
 Dele surgirá uma cultura nova.

Mas se fôrmos a contemplar o  
 barroco mineiro deste ângulo, ve-  
 rificaremos que afinal não é tão  
 diferente o caráter do barroco  
 mineiro e do praguense. Ambos  
 são pretensões, são ficções, são  
 poses. Apenas as suas funções  
 são diferentes. O barroco euro-  
 peu finge ser religioso, quando  
 na realidade já representa o  
 primeiro passo decisivo em dire-  
 ção do iluminismo. O barroco  
 mineiro finge ser barroco euro-  
 peu, quando na realidade repre-  
 senta o primeiro passo decisivo  
 em direção de uma nova cultu-  
 ra, a saber a brasileira. É um  
 visitante cuja mentalidade foi  
 formada por Praga pode, afinal,  
 superar o seu mal-estar primiti-  
 va pela meditação seguinte: o  
 que choca em Ouro Preto, esses  
 exágeros bárbaros todos, essa  
 pretensão de uma pretensão to-  
 da, não é sintoma de falsidade,  
 mas é, pelo contrário, sintoma  
 de uma superação do barroco.  
 No barroco mineiro realiza-se,  
 produtivamente, o barroco euro-  
 peu. De certa maneira, de uma  
 maneira «barroca», é o barroco  
 mineiro o autêntico barroco.  
 Quando as igrejas de Ouro Preto  
 erguem as suas torres contra o  
 céu exótico, já deixaram na Eu-  
 ropa de ser construídas. O barroco  
 europeu já cedeu lugar a  
 outros estilos, quando flores-  
 ce o barroco mineiro. Mas esse  
 florescimento retardado é o ver-  
 dadeiro florescimento. O espiri-  
 to barroco encontrou no Brasil  
 o seu habitat apropriado. A  
 despeito dos positivismos e ou-  
 tros ismos posteriores será o  
 Brasil sempre uma terra barro-  
 ca. É esta a sensação que uma  
 visita mediativa a Ouro Preto  
 provoca.

em razão dos grandes melho-  
 ramentos já introduzidos no  
 aparelho, de tal modo se jus-  
 tificou a idéia de que os novos  
 Minuteman são, na reali-  
 dade, um novo engenho.

**RAF SUBSTITUI AVIAO VELHO**

O Shackleton, modelo ve-  
 terano da Real Força Inglêsa,  
 funcionará apenas até 1969,  
 a partir de quando será  
 substituído pelo novo avião  
 de reconhecimento marítimo  
 Hawker Siddeley 801, que é  
 movido por quatro motores  
 Rolls Roy Spey e poderá cou-  
 duzir os últimos tipos de aju-  
 das de detecção e sistemas de  
 armamentos. Com velocidades  
 de até 982 quilômetros por  
 hora, o Hawker poderá atin-  
 gir rapidamente a área de  
 busca, podendo, então, desli-  
 gar um dos seus motores e  
 operar em velocidade redu-  
 zida.

**PRÍNCIPE PHILIP GANHA AVIAO COM PERSONALIDADE**

Após almoço que lhe foi  
 oferecido pelo prefeito de  
 Dallas, durante sua recente  
 visita de dez dias aos Estados  
 Unidos, o príncipe Philip  
 recebeu de lembrança, das  
 mãos de Shari Kerkove,  
 aeromoça da Braniff, a  
 miniatura de um BAC-1-11,  
 pintado com as cores do mo-  
 delo original, que é o atual  
 «new look» da Braniff Inter-  
 national. A miniatura ofere-  
 cida ao príncipe foi utilizada  
 na recente campanha da em-  
 presa para o lançamento do  
 BAC-1-11, cujo «slogan» foi  
 «Acabou-se o avião sem per-  
 sonalidade.»

**BOEING BATE RECORDE DE BOEING**

Um recorde de utilização  
 mensal para todos os Boeings  
 do mundo, foi estabelecido na  
 marca de 15 horas e 45 mi-  
 nutos diários, por um Boeing  
 707-320C, no último mês de  
 janeiro. O aparelho pertence  
 à frota da Continental Air-  
 lines.

Uma armadura composta  
 de grandes escamas — que  
 seriam a de uma lagosta —  
 servirá de proteção aos tri-  
 pulantes da nave Apolo,  
 com que os Estados Unidos  
 pretendem explorar a Lua,  
 contra o perigo da gravida-  
 de «G», que é a gravidade  
 exercida em todos os senti-  
 dos, no interior da nave es-  
 pacial.

A gravidade em todos os  
 sentidos é um fenômeno tí-  
 picamente astronáutico, pro-  
 vocado pela hipervelocidade  
 com que são executadas as  
 operações espaciais de lan-  
 çamento e retorno à atmos-  
 fera.